

VII

CONSCIENCIA EM DESE- QUILIBRIO

Consoante as recomendações que havíamos recebido, aguardámos dona Antonina, no estreito recinto em que se processara o culto familiar.

Agora, conseguíamos reparar o ancião desencarnado com mais atenção. Conservando integrais remanescentes da vida física, abatido e trêmulo, parecia inquieto, dementado...

Tentámos debalde uma aproximação.
Não nos via.

Lembrei ao meu companheiro que poderíamos densificar o nosso veículo, pela concentração da vontade, e apressámo-nos na providência.

Em momentos breves, fornecendo a impressão de recém-chegados, atraímos-lhe o interesse.

O velhinho precipitou-se para nós, exclamando:

— São oficiais ou praças? Estão pró ou contra?

Aquele olhar esgazeado era efetivamente o de um louco.

Hilário e eu trocámos impressões de curiosidade e espanto.

E antes que nos pronunciássemos, começou a chorar, convulsivamente, acentuando:

— Quem trouxe aqui a ideia de perdoar? em que ponto me situaria na questão? devo perdoar ou ser perdoado? Não entendo a necessidade de discussão em torno de um assunto como esse entre fraca mulher e três crianças... Comentários dessa

natureza devem ser reservados para pessoas aflijas como eu, que trazem um vulcão no centro do crânio...

Assim dizendo, alteraram-se-lhe as feições fisionómicas.

Afigurou-se-nos mais distante da realidade, mais inconsciente.

Gritando quase, continuou:

— Tudo teria sido modificado se me houvessem facultado o encontro com o novo Generalíssimo... Sua Alteza compreender-me-ia a situação. Era propósito do Marechal requisitar-me para seu serviço exclusivo, entretanto, por influência do meu miserável perseguidor, sofri transferência injusta...

Nosso inesperado amigo vasculhou com os olhos os recantos da sala, qual se temesse a presença de alguma testemunha invisível, e prosseguiu:

— Ouçam, porém, o que lhes digo! Ele não sólamente pretendia afastar-me dos favores do Marechal doente, mas planejava furtar-me a mulher... Lola Ibarruri! como não haveria de querê-la com a paixão que me inspirou? Porque teria eu de seguir para Fecho dos Morros? O intento de me prejudicarem era evidente. Sem dúvida, fui constrangido a sair, mas não fui além de Tacuaral. O General Polidoro não me abandonaria... Devia regressar a Luque e regressei... O infame Esteves, contudo, agira sem descansar... Além de assaltar-me os direitos de enfermeiro no Quartel General, desviara a atenção de Lola... A formosa Ibarruri não mais me pertencia. Entregara-se ao amigo desleal... Nossa pequena chácara de laranjeiras e nosso jardim estavam esquecidos... Quem disse que não me sacrificiei na aquisição da encantadora casinha, por mim confiada à perfida mulher? Durante um mês longo e terrível, suspirei pelo retorno aos carinhos dela... Quando tornei ao lar, naquela estrelada noite de Maio, encontrei-a nos braços do traidor... Lola tentou desculpar-se, mas surpreendi-os juntos... Quis vingar-me, de imedia-

to, espetando-o com meu punhal, todavia, as tropas deixaram a cidade, dai a três dias, e o meu inimigo, que se esgueirara na sombra, ante a minha aproximação deu-se pressa em viajar, a serviço, no rumo de Itauguá... O ódio passou a dominar-me, enceguecendo-me... Encontrá-lo-ia em alguma parte, abraçá-lo-ia com a mesma cordialidade fingida com que me abraçara pela primeira vez e arrancar-lhe-ia a vida... Assim fiz... Aparentei ignorar a realidade e busquei-o, sorrindo... e, sorrindo, envenenei-o... Creiam, contudo, que sómente me abalancei a semelhante ato, porque ele era impudente, libertino, cruel... Assassinar-me-ia, se eu não tivesse o arrojo de liquidá-lo...

Fêz breve pausa e, em seguida, ajoelhando diante de nós, passou a clamar, de novo, em alta voz:

— Oh!... para mim, estou certo de que pratiquei a justiça, mas este homem realmente não me abandona! Lutei tanto!... Casei-me e organizei grande família!... Devotei-me à religião, desfrutei os benefícios dos santos sacramentos e admiti que tudo estivesse amplamente solucionado, entretanto, depois de retirar-me do corpo físico sob a imposição da velhice e da enfermidade, longe de encontrar o céu que parece cada vez mais distante de mim, reconheço que este homem continua a perseguir-me por dentro!... Faz muitos anos que me despedi dos ossos fatigados e perambulo, afliito e infeliz, carregando o inferno, dentro de mim!... A princípio, procurei o sepulcro, na esperança de soerguer meus restos e, escondendo-me neles, esquecer... esquecer... Compreendendo, porém, que meu desejo era de todo frustrado, fui para sempre do lugar que me asila os despojos e devoro ruas e praças, buscando autoridades que me socram...

Depois de passar as mãos pelo rosto, enxugando as lágrimas, continuou:

— O' senhores, por quem são!... ainda mesmo que o meu erro fosse tão clamoroso assim,

tanto tempo de convívio com este monstro a fitar-me, imperturbável, não bastaria à expiação que me compete ao resgate? Se eu confessasse o crime e me demorasse por menos tempo no cárcere, não estaria redimido, diante dos tribunais?

Sentindo que algo nos caberia dizer à guisa de consolo, afaguei-lhe a cabeça branca e falei, tentando ser gentil:

— Acalme-se, meu irmão! quem de nós não terá desacertado no caminho da vida? sua dor não é única... Também nós trazemos o espírito pejado de aflitivas recordações. As lágrimas de desesperação desajudam a alma...

Pelas citações que ouvirmos, percebi que o nosso interlocutor se reportava ao tempo da Guerra do Paraguai e, buscando penetrar o labirinto de suas palavras que estabeleciam ligação do passado com o presente, indaguei:

— A que novo Generalíssimo se refere?

— Ah! ignoram?

E dando-nos a ideia de quem vivia profundamente arraigado a particularidades do pretérito, aduziu:

— Recordo-me com precisão... Sim, a proclamação dele era de 16 de Abril... O Príncipe D. Gastão de Orleães era o novo comandante em chefe, mas muito me pesava o afastamento do Marechal...

— Qual deles? — perguntei, reavivando-lhe a memória.

— O Marechal Guilherme Xavier de Souza. Era meu amigo, meu protetor... Doente, cansado, precisava de mim... contudo, afastaram-me dele... Esteves, o cão infiel...

Nesse instante, porém, a voz extinguiu-se-lhe na garganta. Esbugalharam-se-lhe os olhos e, como se estivesse atenazado no íntimo por forças terríveis, insondáveis à nossa observação, começou a queixar-se, desesperado:

— Ah! não posso continuar!... Ele, novamen-

te ele, a crescer dentro de mim! Observa-me com
asco e ainda lhe ouço as últimas palavras no es-
tator da morte... Não! Não! — bradava ele, ago-
ra, com evidentes sinais de angústia — hei-de li-
bertar-me! hei-de libertar-me! Tenho fé!...

Comovidamente, acerquei-me do pobrezinho e
considerei:

— Sim, meu amigo, a fé representa o mila-
groso salva-vidas de todos os naufragos. Você tem
o pedido a Jesus amparo e assistência?

— Sim, sim...

— E ainda não lhe chegou qualquer sinal de
socorro celeste?

O infortunado centralizou em mim o olhar in-
quieto e informou:

— Há alguns dias, fui à Igreja do Rosário,
recordando como sempre a visita que fiz até lá, na
véspera de minha partida para a guerra, e tanto
rezei que tive a felicidade de ver o Marechal, que
me apareceu, de súbito... Estava mais moço e in-
compreensivelmente refeito... Roguei-lhe proteção,
ao que me respondeu, informando que o meu caso
seria tomado em apreço, que eu descansasse, pois
ainda que os nossos erros sejam grandes, maior é
a compaixão de Deus que nunca nos desampara...

E, exibindo um gesto de profundo abatimento,
acrescentou:

— Mas, até agora, não tive o menor sinal de
renovação do caminho...

Acariciei-lhe a nevada cabeça e considerei, co-
movidamente:

— Esteja convencido, porém, de que a bon-
dade de Jesus não nos faltará.

— Prometa ajudar-me! compadeça-se de mim!
gritou o infeliz.

De coração, intimamente tocado por semelhan-
te apelo, hipotequei-lhe a decisão de colaborar em
sua paz e soerguimento.

Quando o infortunado ancião procurava abra-
çar-me, Clarêncio chegou, guiando a outra pupila
que nos acompanharia na excursão.

Simpática e humilde, após cumprimentar-nos,
manteve-se a distância. O mentor, num átimo, com-
preendeu o que se passava. Vimo-lo concentrar-se
por momentos, densificando-se para auxiliar com
mais presteza.

Saudado pelo velhinho, afagou-lhe a fronte e
avisou-nos:

— Permanece dementado. A mente dele fi-
cou-se em recordações que o obcecaram.

Mais experiente que nós outros, guardou-o nos
braços com paternal carinho, conquistando-lhe a
confiança e inquiriu:

— Que procura, meu irmão?

— Venho suplicar o socorro de Antonina, mi-
nha neta. É a única pessoa que se lembra de mim
com amor... Dentre os numerosos membros de mi-
nha família, só ela me oferece asilo na oração...

E, porque reiniciasse as referências lamurio-
sas, o Ministro colocou a destra sobre a cabeça de
nossa interlocutor, como a sondar-lhe o íntimo em
minuciosa perquirição e, em seguida, informou:

— Temos aqui nosso irmão Leonardo Pires,
desencarnado há cerca de vinte anos... Quando
jovem, foi empregado do Marechal Guilherme Xa-
vier de Souza e hoje conserva a mente detida num
crime de envenenamento em que se envolveu, quan-
do integrava as forças brasileiras acampadas em
Piraju, no Paraguai. Podemos conhecer o delito,
em suas particularidades, na tela das recordações
que o atormentam... É um domingo de festa em
campanha... 11 de Julho de 1869... A missa é
celebrada em pleno campo por um frade capuchi-
nho... O Conde d'Eu, com a luzida oficialidade do
seu Quartel General, está presente... Nossa ami-
go, muito moço ainda, aparece no corpo da infan-
taria. Não se mostra, porém, interessado nas gra-

ves advertências do sacerdote, no ato religioso, nem no apelo ardente e patriótico do Generalíssimo, que pronuncia brillante e inspirada alocução para os comandados... Fita com impertinência um companheiro recém-chegado de Itauguá, enfermeiro em serviços especiais... E' José Esteves, irrequieto brasileiro de olhos escuros e inteligentes, de gordo porte, com os seus trinta anos bem feitos... Partilha com o nosso amigo o afeto de linda mulher desquitada, que abandonou o marido e um filho pelo prazer da aventura... Pires, o irmão que observamos, inconformado com os favores da criatura amada para com o patrício que ele odeia, finge ignorar-lhe a situação e insinua-se maneiroso e gentil... Terminada a festa, convida Esteves para refeição mais íntima... E, juntos, comentam entusiásticos as noitadas do Rio, ansiosos pelo retorno às seduções da retaguarda... Esteves entra-se com as impressões de Leonardo, confia nele e conversa, loquaz, até que o vingativo colega, na taverna improvisada, lhe oferece um copo de vinho com o veneno fatal... O companheiro bebe, experimenta estranhas vertigens e morre praguejando... O acontecimento é recebido com admiração... Um médico argentino é chamado a opinar e verifica o envenenamento, contudo, as autoridades julgam o silêncio mais acertado... As tropas deveriam seguir rumo a Paraguai e o caso é encerrado sem maior investigação... Leonardo acompanha o Exército para a vanguarda e tenta esquecer o ocorrido... Convive ainda com a requestada mulher, por mais algum tempo, mas, de regresso à terra natal, desinteressa-se dela e casa-se no Brasil, deixando vários descendentes... Desencarna, valetudinário; todavia, no leito de morte, reconhece que a lembrança do crime lhe castiga o mundo interior... Olvida quase todos os demais episódios da existência para centralizar-se apenas nesse... José Esteves já reencarnou, demorando-se agora em outros setores de luta, mas Leonardo Pires vive

com a imagem do assassinado que se revitaliza, cada dia, na memória dele, ao influxo das sugestões da própria consciência que se considera culpada... Como vemos, é a Lei de causa e efeito a cumprir-se, natural...

Nesse instante, porém, Antonina, em seu veículo sutil, surgiu à porta da câmara em que o seu corpo dormia, vindo ao nosso encontro.

